

Congresso começa a dar sinais de vitalidade

16 MAI 1991
Ricardo Moraes*

O País acostumou-se a falar mal dos políticos. Deve-se o fato, em parte, aos próprios políticos, que se cercaram de privilégios de toda sorte, chocantes para a população que os elegeu. Mas deve-se, principalmente, à relativa inutilidade a que foi relegada a atividade parlamentar nos tempos da ditadura, não tão distantes, inutilidade só superada pela nova Constituição, que devolve e acrescenta poderes legítimos ao Congresso.



Começa a se tornar injusta a avaliação apenas negativa da ação parlamentar. A nova safra de deputados e senadores, que tomaram posse muito recentemente, já dá mostras de ser bem diferente, e para melhor, em contraste com as safras anteriores. Certamente sensibilizados pelas atribuições e poderes que adquiriram constitucionalmente, inúmeros deputados e senadores estão atuando desde o primeiro dia de seus mandatos de forma ativa e entusiasmada, intervindo nas mais diversas questões de interesse nacional e sem um posicionamento maniqueísta, de bancadas invariavelmente pró ou contra o governo federal, como se estivessemos em permanente plebiscito.

É gratificante acompanhar o interesse dos parlamentares no caso da Previ-

dência. Também é estimulante constatar as mudanças recentes no Regimento Interno, que tornaram mais práticas as votações no período da tarde. Significativo também é o amplo movimento, capitaneado pelo estadista Ulysses Guimarães, que busca levar às ruas a discussão sobre presidencialismo e parlamentarismo.

Nessa direção geral positiva, cabe ressaltar a iniciativa dos deputados Francisco Dornelles (PFL-RJ) e César Maia (PMDB-RJ), que hoje encaminham à Mesa da Câmara um projeto de lei propondo maior independência ao Banco Central. Tudo indica que o projeto receberá o apoio da maioria dos parlamentares e sua eventual aprovação apenas confirmará a tendência modernizadora, no que tem de essencial e não formal, da nova safra de parlamentares. O deputado Roberto Campos (PDS-RJ) dá informação valiosa ao editor João Alexandre Lombardo, em texto publicado na edição de hoje deste jornal. Lembra que a Itália está em seu 50º governo do pós-guerra e teve, no período, apenas seis presidentes do banco central.

O Congresso dá sinais de vitalidade e o fato chega a ser reconfortante para os que defendem o sistema parlamentarista de governo, ingressando no rol das nações civilizadas quando, entre outras condições, definitivamente nos orgulharmos dos parlamentares que elegemos.

* Diretor deste jornal em Brasília.